



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PRISCILA NEDEL

(depoimento)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-776

Entrevistada: Priscila Nedel

Nascimento: 10/09/1983

Local da entrevista: Sapiranga – RS.

Entrevistadores: Jamile Mezzomo Klanovicz, Pamela Siqueira Joras e Guilherme Goulart

Data da entrevista: 15/05/2017

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 17 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Projeto Garimpando Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: NEDEL, Priscila. Entrevista concedida por Priscila Nedel ao Projeto Garimpando Memórias. Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz, Pamela Siqueira Joras e Guilherme Goulart. UNIVASF, UFRGS, Belo Horizonte (MG), 27 abr. 2017, 8.p.

Sumário

Formação; Trajetória no Handebol; Competições que participou; Presença de público; Técnica de Handebol; Curso de Handebol; Dificuldades; Competições que apita; Arbitragem; Desempenho do Brasil em campeonatos; Mulheres na arbitragem dos Jogos Olímpicos; Relação com a torcida; Visibilidade.

Sapiranga, 15 de maio de 2017. Entrevista com Priscila Nedel a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz, Pamela Siqueira Joras e Guilherme Goulart para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Primeiramente quero te agradecer por estar cedendo esta entrevista. E eu gostaria que tu iniciasse contanto um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte.

P.N. – Eu sou formada em Educação Física pela FEEVALE¹ em 2010, e Bacharel em Educação Física em 2013, tenho cursos nas diversas áreas, ainda não fiz uma Pós-Graduação estou pesquisando o que eu vou fazer, mas tenho cursos de Pilates, Treinamento Funcional e os próprios mesmo de Arbitragem.

J.K. – E como foi a tua trajetória no handebol?

P.N. – Eu comecei na escola em 1996, o meu professor de Educação Física montou um time na cidade, dois anos antes, daí quando eu fui ter aula com ele, aí ele convidou “Vocês não querem participar dos treinos, assim, assim...”, Fui lá um dia no Parque Centenário e a gente começou a treinar. E dali daquele momento em diante a gente começou a participar de campeonatos, a viajar, e o handebol começou a se tornar uma prática diária na minha vida. E a dois anos atrás eu comecei a pensar que não conseguia mais praticar tanto quanto eu gostaria porque tu chega em um nível e daqui a pouco... Eu pensei assim: “Eu quero continuar!” Então eu fiz o curso de arbitragem e comecei a apitar os jogos a nível estadual, hoje eu sou nível estadual, ainda não fiz o curso da nacional, não tenho muita pretensão de fazer o curso da nacional, porque isso depende de viagens longas e como eu tenho o meu próprio negócio fica muito difícil eu ter essa...

P.J. – Essa escola que tu comentou é daqui de Sapiranga²?

P.N. – É aqui de Sapiranga, eu sou concursada do município.

¹ Universidade FEEVALE.

² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

P.J. – E depois dessa escola tu jogou em alguma equipe? Que competições que tu chegou a participar?

P.N. – Desculpa, a escola onde eu estudei é lá em São Sebastião do Caí³. Aqui em Sapiranga eu sou concursada, confundi a pergunta [riso]. Eu comecei a jogar na escola, aí eu fui para o time da cidade, que na época se chamava Sercai, daí passou alguns anos e fez uma coligação com a UCS, a Universidade de Caxias do Sul, daí a gente ia três vezes por semana lá treinar, passava os finais de semana lá treinando ou jogando e isso permaneceu um tempo, daí eu fui para o Ensino Médio e daí ficou um pouquinho mais complicado. Aí eu passei uns três anos sem treinar muito, sem jogar muito, continuava treinando, mas era bem menos por causa do horário da escola e dos treinos lá em Caxias do Sul⁴. Daí comecei na universidade, na Unisinos⁵, comecei a estudar lá, eles tinham um time meio quebra galho, e onde a gente começou a se encaixar, eu e umas amigas da mesma cidade que fomos para lá naquele ano estudar. Daí tentamos arrumar o time, não tinha muita ajuda, era meio largado, foi indo, foi indo. Fui jogar uns campeonatos aí o professor Caio, o Cláudio Augustin, aqui de Sapiranga, me viu jogar lá e me convidou, e foi aí que eu vim para Sapiranga e comecei a treinar aqui, treinei um ano aqui e depois eu fui jogar em Novo Hamburgo⁶ no Colégio Santa Catarina com o professor Renato Arena. E depois disso eu joguei dois anos com ele, e daí continuei só na universidade, e daí, quando eu vim jogar a universidade apoiava, tem time, tem grandes títulos na região, títulos nacionais. Aí eu fiquei jogando só na FEEVALE e joguei aí até 2013 quando eu me formei. Depois só jogando de brincadeira e hoje eu jogo no time de Campo Bom⁷ que tem ali, só com amigas, como a gente diz assim, até para ser um time de amigas é um time muito bom, onde eu faço parte da organização também e quando eu não estou jogando na categoria adulta, nas outras categorias menores eu faço a arbitragem.

P.J. – E as competições que tu chegaste a participar com essas equipes, é a nível estadual?

³ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁶ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

P.N. – Eu joguei a nível estadual que é do estado aqui, que é o Estadual⁸ como eles chamam, os municipais que é o antigo e quase extinto JIRGS⁹. Joguei a Copa Mercosul, que compreende o pessoal da Argentina, do Uruguai e do Brasil. Joguei a Liga Nacional que é o maior campeonato de handebol que tem no Brasil hoje, fui escalada algumas vezes para as seleções de base, fui para o centro de treinamento, cheguei a jogar um ano, daí pela FEEVALE a gente foi... Todos os anos que eu joguei a gente foi campeão dos Jogos Universitários e sempre ia para os Jogos Universitários Brasileiros, onde a gente sempre ficava nas primeiras colocações, a gente não conseguiu nenhum título lá, mas a gente sempre ficava entre os três primeiros, quatro primeiros, a gente sempre conseguiu ficar. Fui várias vezes para a Argentina e para o Uruguai jogar nas categorias de base, que fazia uma integração com o pessoal daqui e o de lá.

P.J. – Tu comentou que foi seleciona algumas vezes nas seleções de base...

P.N. – Sim!

P.J. – Por morar aqui no Sul, por ser gaúcha, tu sentiu alguma dificuldade desse chamado, dessa convocação, por ser atleta aqui do Sul?

P.N. – Na época era diferente de hoje. Hoje tu é chamado direto de lá, tu é chamado para um acampamento onde está todo mundo, de todos os lugares do Brasil. Na época não. Primeiro era feito aqui no Sul e daí *depois* tu jogava os Jogos da Juventude e daí lá nos Jogos da Juventude o técnico da Seleção, que eles escolhiam lá com a Confederação¹⁰, daí eles chamavam. Eu cheguei a ir *até* os Jogos da Juventude, eu não cheguei a ir lá para a Seleção Brasileira.

J.K. – E todas essas competições que tu participou, como era a presença do público?

P.N. – As competições a nível estadual eram pais, mães, pessoas envolvidas com Handebol, amigos daqueles que jogavam. Quando tu vai jogar um Jogos da Juventude, um Curitiba *Cup*, agora que eu lembrei, daí o povo que tem é muita gente envolvida, é como

⁸ Campeonato Estadual de Handebol.

⁹ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

os Jogos Universitários, tem muita gente envolvido, mas o público é todo que está trabalhando, que está se envolvendo aí, a participação dos demais acho que eram poucos assim, a gente não consegue ter uma noção de quem é só visitante, quem é atleta, porque é sempre muita gente.

J.K. – Certo! E em algum momento tu chegou a atuar como técnica de algum clube?

P.N. – Sim, lá em São Sebastião do Caí, nós tínhamos a Associação Caiense de Esportes, e daí depois quando eu saí de lá, que eu vim para o time aqui Sapiranga, eu fui técnica da Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo.

J.K. – E isso durou mais ou menos quanto tempo?

P.N. – A primeira foi de 2008 a 2012, e a segunda... Não perdão, de 2008 a 2011, daí depois 2011, 2012 e 2013 em Novo Hamburgo.

P.J. – E as equipes que tu chegou a treinar, tu trabalhou com o feminino, trabalhou com o masculino?

P.N. – Só feminino nas categorias, mas a gente tinha escolinhas, era um projeto da prefeitura, tinha escolinhas dentro das escolas municipais, aí lá tu atendia o público masculino e feminino.

J. K. – E em relação a arbitragem, onde foi que ocorreu o curso?

P.N. – Eu fiz na UFRGS¹¹, em Porto Alegre quando eles... Em 2014, foi o primeiro curso que eu fiz, daí aquele ano eu já atuei em algumas competições. Daí em março de 2015 de novo, março de 2016, e agora dias atrás de novo. É que todo ano tu faz um curso e uma reciclagem, então tu se recicla todo ano, é uma constante formação, porque muitas coisas mudam, por exemplo, esse ano muita coisa mudou por causa das Olimpíadas¹², muita coisa veio nova, trouxeram lá vídeos das Olimpíadas, daí: “Vamos analisar”. Dentro desse curso

¹⁰ Confederação Brasileira de Handebol.

¹¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

a gente fez muitas análises das coisas que aconteceram lá, e como essa regra mudou do ano passado para as Olimpíadas, então isso tudo foi novo esse ano.

P.J. – E quem promoveu esse primeiro curso que tu fez lá em 2014 na UFRGS? Como era o apoio, se tu lembra.

P.N. – Foi a Federação Gaúcha de Handebol junto com o Estado do Rio Grande do Sul, que eles fizeram para o handebol, para o basquete, para o vôlei e para o futsal, eu acho, não foi para o futebol. Daí então eu só participei do handebol.

J.K. – E como foi a presença das mulheres nesse curso?

P.N. – No primeiro curso que eu fiz tinha várias meninas, muita gente que era estudante de Educação Física que foram lá para aprender um pouco mais. Mas aí quando tu pega só o curso da Federação Gaúcha nós somos apenas quatro meninas.

P.J. – Tu pode falar para gente um pouquinho como é este curso, se tem parte teórica, como é a prática.

P.N. – Sim! Primeiro a gente passa por uma parte teórica, principalmente sobre as questões das penalidades no handebol, o que é passível de punição e o que é que não é. E depois disso a gente faz uma prova teórica, vamos dizer assim, do livro todo. Depois dessa prova a gente tem mais uma parte teórica, isso em um final de semana, no outro dia a gente faz uma prova física, que é o Teste do Bip e depois a gente foi para uma prova de vídeos, onde foram passados lances das Olimpíadas, no caso este ano, passavam os lances das Olimpíadas e tu tinha que dizer se o árbitro estava correto ou se o árbitro não estava correto, e se estava incorre o que é que tu faria. No primeiro que eu fiz teve a parte prática, que o pessoal jogava e a gente tinha que arbitrar.

J.K. – Tu comentou que pela Federação Gaúcha são apenas quatro árbitras, tu sabe me dizer qual o nome delas?

¹² Referência aos Jogos Olímpicos de 2016.

P.N. – Sim! A Marisa Wasem, a Betina Görgen e a Caroline Goulart.

J.K. – Certo! Entre vocês quatro existe alguma dupla?

P.N. – Sim, eu e a Marisa somos uma dupla e a Carol e a Betina são outra dupla.

J.K. – Vocês são duplas fixas?

P.N. – Sim, sim, claro que ocorre de eu não conseguir ir em um campeonato e a Marisa pode ir ou a mesma coisa que as meninas, a gente reveza, mas teoricamente eu e ela somos dupla, e a Carol e a Betina são outra.

J.K. – E quando tu começou a trabalhar como árbitra, tu sentiu alguma dificuldade?

P.N. – Por ter muitos anos atuado como atleta, não foi difícil! Eu vejo que hoje com um pouco da mudança da regra, a exigência mais dos próprios jogadores que estão mais entendidos da regra, é um pouquinho mais difícil, e assim, a tolerância deles com a regra nova está um pouquinho mais complicada.

J.K. – E tu apita jogos masculinos e femininos?

P.N. – Femininos e masculinos.

P.J. – E quais as competições que vocês atuam? Tu começou em quais, por exemplo, e hoje tu apita quais?

P.N. – O Estadual que é o principal aqui da região, tem a Copa Mercosul que eu não atuei porque é quatro, cinco dias, e para mim fica complicado eu ir. Mas já fui escalada para ir, os JERGS¹³, os... Das escolas particulares, como é agora o nome... Esqueci, agora não vou lembrar. O próprio JUGs¹⁴, Jogos Universitários, JIRGS também já apitei. Aqui da região

¹³ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Jogos Universitários Gaúchos.

já apitei todos, e já fui mesária dos jogos da Liga Nacional de Handebol que teve em Caxias do Sul.

P.J. – E tu chegou a ter uma outra dupla antes da tua atual?

P.N. – Não!

P.J. – Tu apitou sempre com ela?

P.N. – Sim, sempre com ela.

J.K. – Tu saberia me dizer como as mulheres começaram a ingressar na arbitragem do handebol?

P.N. – A maioria porque foi atletas, as que eu conheço desde que eu venho jogando a maioria é porque foi atleta. Tinha uma outra dupla, a Gabi¹⁵ e a Vanessa¹⁶, mas por decorrências da vida uma foi morar em Gramado e a outra em Porto Alegre daí ficou um pouco mais complicado e elas decidiram parar. Eu conheço mais algumas meninas que apitam também, mas elas não são federadas, elas não participam do quadro da Federação.

J.K. – Saberia me dizer qual é a primeira dupla de árbitras do Rio Grande do Sul?

P.N. – Não!

J.K. – E do Brasil?

P.N. – Também não [risos].

P.J. – Tu comentou agora duas que já pararam, tu conheceu outras antes delas que pararam também de arbitrar?

¹⁵ Gabriele Bortoluzzi.

¹⁶ Vanessa Denardini.

P.N. – Que eu me lembre agora assim, de momento rápido, não.

J.K. – Atualmente tu se dedica apenas a arbitragem ou tu tem outras profissões?

P.N. – Não, eu sou concursada aqui no município de Sapiranga, trabalho em uma escola, tenho aqui o estúdio de Pilates, Treinamento Funcional e Fisioterapia, e além disso eu dou aula de *personal* em academia.

P.J. – E a arbitragem tem um calendário anual ou tem períodos que eles te escalam?

P.N. – Eles te escalam, eles te mandam na terça-feira o *e-mail*: “Está escalada para este final de semana.” Aí tu pode aceitar ou não aceitar. Esse ano eles vão tentar fazer diferente, eles vão tentar montar um calendário e já dizer, já mais ou menos montar um cronograma de quem vai apitar cada coisa e tu já diz no início do ano se tu pode ou se tu não pode. Porque, às vezes fica inviável, eles sabem que sexta de noite eu não consigo porque eu tenho o estúdio aqui, daí eles tentam montar uma coisa que atenda todo mundo, porque tem mais pessoas, tem um professor que dá aula na Universidade La Salle que não pode no sábado de amanhã, tem outro que dá lá em Santa Maria que não pode sexta de noite e nem sábado de manhã. Então eles vão montando o cronograma justamente por causa disso que a gente não consegue sempre ser dupla eu e a Marisa, por causa dessas funções.

P.J. – E vocês tem jogos de janeiro a dezembro para apitar ou tem um período específico?

P.N. – Janeiro e fevereiro a gente tem os Estaduais de *Beach*¹⁷, de handebol de areia, daí em março nunca tem nada, porque é o início da preparação e começou agora, no finalzinho de abril dos Estaduais, que daí teve os Estaduais femininos e eu não posso arbitrar por causa que eu jogo. Teve o Aberto de Campo Bom, que como eu estava na organização eu não apitei, e nesse final de semana que começou as categorias de base, mas eu não fui escalada para esse final de semana.

P.J. – Tu comentou agora do *Beach*, é o mesmo curso para arbitrar os dois?

P.N. – Não, é um outro curso que também tem as suas reciclagens depois. Sempre início de janeiro, antes de começar a primeira etapa tem a reciclagem.

P.J. – E quem é que coordenada essa arbitragem aqui na Federação no Rio Grande do Sul?

P.N. – O professor Sérgio Alves¹⁸, que dá aula da FACOS¹⁹. Ele é de Porto Alegre.

J.K. – E o handebol como esporte olímpico, como tu vê a participação do Brasil, em relação as equipes feminina e masculina?

P.N. – O Brasil teve um crescimento muito bom no feminino, só que isso se perdeu agora um pouco. E o masculino também teve um crescimento, tanto é que ele foi muito bem nos jogos das Olimpíadas. Mas agora a nossa Confederação está se reformulando e deixaram um pouco as seleções de lado, todos os esportes olímpicos perderam muitos patrocínios, então isso afetou muito todas as federações e o handebol não deixou de ser afetado também. Então uma coisa que já foi decidida ano passado, que o nosso técnico ia ser demitido, agora na semana passada que colocaram um novo técnico, um técnico brasileiro para uma campanha que já tem agora em dezembro que é o Mundial feminino na Alemanha, então, é muito pouco tempo para uma seleção se preparar para o Mundial, então eu vejo que isso vai ser muito prejudicial para a nossa seleção, apesar das mesmas meninas virem nesse ciclo, mas tem que renovar. Tem meninas ali que já deu o que tinha que dar, outras que precisam se encaixar mais na equipe, porque ele já vinha fazendo um acompanhamento bem grande de outras para entrarem no lugar, porque isso é fato, isso tem que acontecer uma renovação. Então eu acho que isso vai prejudicar muito o feminino, o masculino ele teve uma renovação muito *grande* ali na... Sinceramente me surpreendeu bastante nas Olimpíadas, só que ainda tem muito para crescer. Agora como vai crescer a partir de agora nós estamos esperando mais informações lá de cima, porque mudou, mudou a maneira de pensar. Pelo que eu acabei lendo eles vão trabalhar com ciclos de três anos agora, que vai renovando, renovando, então, vamos ver, vamos esperar até o Mundial. Agora tem o Campeonato Panamericano na Argentina, vamos ver como o Brasil vai se sair também.

¹⁷ Campeonato Estadual de Handebol de Areia.

¹⁸ Sérgio Luis Chaves Alves.

P.J. – Retornando um pouco para a arbitragem, tu comentou que é uma diferença entre curso estadual para ascender para o nacional.

P.N. – Sim.

P.J. – Como que isso funciona, é por cursos, é por jogos?

P.N. – Não, isso é indicação da Federação. Os árbitros são indicados, mas tu também tem que mostrar vontade que tu quer continuar, porque é mais estudos, é mais dedicação. Tu tem que aprender a falar inglês, tem uma certa idade também que eles avaliam isso, porque eles não vão colocar uma pessoa de quarenta anos lá, se vai ser curta a vida, então, eles preferem pessoas mais jovens. Essa outra dupla feminina, as meninas tem vinte e três anos cada uma, eu já tenho trinta e três e a Marisa tem quarenta, então ela até: “Ai Pri, eu vou se tu quiser”, mas para mim não vai acrescentar, eu continuei na arbitragem como uma forma de continuar perto do handebol.

P.J. – Hoje tu está no quadro da Federação, tu tem noção de quantos vocês são mais ou menos no Rio Grande do Sul no total?

P.N. – Quantos árbitros? Uns vinte!

P.J. – Desses vinte, quatro são mulheres?

P.N. – Quatro são mulheres.

P.J. – E na tua opinião, porque tu acredita que são tão poucas mulheres no quadro hoje de handebol?

P.N. – Vejo que assim, quem escolhe o lado da arbitragem é quem faz Educação Física, e acaba seguindo aquela linha, é mais um ramo da Educação Física que eu posso seguir. Então se tu pegar todas as equipes do Rio Grande do Sul e pensar no que elas... A nem

¹⁹ Faculdade Cenecista de Osório.

todo mundo faz Educação Física, então, muita gente escolhe outras profissões, ou acabam deixando cedo da vida de atleta porque é uma dedicação também, umas acabam não tendo apoio familiar ou mesmo não tendo potencial para seguir. Então eles acabam desistindo aí com quinze, dezesseis anos e daí para frente que se decide, para vocês terem noção hoje nós temos dez times que são da categoria Cadete que tem quinze, dezesseis anos. Se tu for olhar o Juvenil que é a *sequência* tem três, então muita gente para de jogar nessa fase. Tanto é que o nosso estado não tem nem a categoria Júnior, tu é Juvenil, de Juvenil tu passa direto para o Adulto, então se tu for olhar tem muito pouca gente para conseguir seguir isso.

J.K. – Em relação as Olimpíadas, como tu vê a participação das mulheres na arbitragem dessa competição?

P.N. – Teve as gêmeas que foram e apitaram muito bem, vi bastante delegadas nas Olimpíadas, eu acho que foram poucas, tem mais árbitras. Só que Brasil que não tem essa cultura ainda, fora do Brasil tem muitas árbitras, então, eu espero que em uma próxima, a chance das mulheres chegarem seja melhor, mas eu acho que ainda foi pouco, pode ter mais.

P.J. – Em relação aos jogos, tu sentiu alguma dificuldade em relação a torcida, enfim, a gente sabe que às vezes tem xingamentos, todas essas questões pontuais de arbitragem.

P.N. – Assim eu estou nessa vida há vinte e três anos, então todo mundo que está na torcida eu conheço. Então é uma questão mais fácil, é um relacionamento com as pessoas... Claro, tem momentos difíceis tem, eles vão te xingar? Vão, vão te xingar porque tu está ali fazendo um trabalho, tu não está mais como colega de quadra. Tu está ali fazendo um trabalho, tu está sendo paga para aquilo ali, e eles querem o teu melhor e nem sempre tu consegue dar o melhor de si ou é... São lances muito rápidos, e escapou aqui, escapou ali, mas tu sempre está dando o melhor de si. E xingar eles xingam, mas tem que entrar em um ouvido e sair no outro, não dá para tu levar, porque tu tem que levar a amizade para fora de quadra. As pessoas me conhecem há muito tempo, eles sabem que: “ela não está puxando para aquela equipe ou para aquela”, todo mundo sabe. E xingamento vai ter em qualquer lugar.

G.G. – A gente percebe que tu tem bastante experiência com handebol, e eu gostaria de saber de ti, em relação aos outros esportes que a gente chama de quarteto fantástico, os jogos de quadra futsal, basquete, handebol e vôlei. Todos os outros três esportes tem uma maior visibilidade, e o handebol pouco aparece na mídia, por exemplo, a Liga Nacional eu nunca vi no *SporTV*²⁰, que é um canal para os esportes mais emergentes. Como tu enxerga isso? O que falta para o handebol ter mais visibilidade na mídia?

P.N. – As parcerias de televisão elas são fixadas com o canal, junto com a Confederação Brasileira de Handebol, então, é uma troca de favores entre um e entre outros. Então está faltando dos dois lados a transmissão, os jogos da Liga estavam sendo transmitidos pela BandSports²¹ as semifinais e as finais. Teve um ano que chegou a passar na Rede Globo, mas tudo é uma questão... Eles já queriam, a Globo, por exemplo, para passar um jogo queria que se diminuísse o tempo de jogo para entrar dentro da programação deles. E não tem como mexer em uma estrutura disso, para poder... Então, parou-se a parceria por ali, porque não tem como. Eles já queriam que diminuísse, que diminuísse intervalo e tudo mais para entrar dentro da programação deles, então isso é uma coisa que não tem hora, o handebol ele pode ser... Ele pode demorar uma hora, como ele pode demorar uma hora e meia, ou pode demorar duas, dependendo do que aconteceu ali na quadra. Como os outros esportes também podem demorar, a Confederação Brasileira de Vôlei ela fez uma adequação, ela foi indo, foi indo, vocês viram que ao longo do tempo já mudou *muito* como era e como está, tinha vantagem antes de fazer o ponto, hoje não existe, hoje tu faz o ponto direto. Então tudo isso foi se adequando a aquilo ali, mas o tempo de jogo, como é que vai mexer? Tem que jogar, tem que jogar, então depende muito da parceria que se faz entre o canal de televisão com a Confederação, isso... Também tem os lucros que cada um vai ter, mas exatamente como se funciona a gente não está lá para saber.

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei e que tu gostaria de compartilhar?

P.N. – Acho que não, acho que era isso.

²⁰ Canal de televisão por assinatura.

²¹ Canal de televisão brasileiro de esportes.

J.K. – Então a gente te agradece em nome do Centro de Memória do Esporte.

P.N. – Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]